

O ANDRÓGINO: UMA ESTRUTURA CÓSMICA

Dilson Bento *

1. INTRODUÇÃO

Antes de investigarmos a manifestação do Andrógino como estrutura do pensamento, portanto, como estrutura de cognição, examinemos o contexto no qual ele foi empregado pela primeira vez.

É em “O Banquete”, de Platão, que Aristófanes narra um mito de origem da espécie humana, segundo ele, para ‘iniciar’ os presentes numa melhor compreensão do Amor, que ele cria ser o mais velho dos deuses. Não obstante, esse mito se refira à formação da espécie humana tal qual é hoje, por conseguinte, à formação de uma modalidade do Ser, devemos estar alertas para a extensão desse mito à qualidade de mito cosmogônico, bem como, também, para a máxima pré-socrática de Parmênides de Eléia: “Pensar e ser é o mesmo”.

Diz Aristófanes: “Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade,..., o masculino, o feminino e o andrógino,..., inteiriça era a forma de cada homem, o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançavam a uma rápida corrida, como que cambalhotando e virando as pernas para cima fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculo. Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do Sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores”.

(*) Formado em Direito pela Universidade do Brasil (RJ); aluno de Sociologia do Conhecimento (Hautes Études) na Universidade de Paris 7.

Esses seres primordiais possuíam grande força, vigor e uma presunção que os conduziu contra os deuses, tentando, até, fazer uma escalada ao céu. Os gigantes Efialtes e Otes tentaram pôr, sobre o Olimpo, dois outros montes, o Ossa e o Pelião. (1) Os deuses sentiram-se em dilema, pois, se fulmissem os homens, perderiam as honras e os templos que lhes vinham da humanidade. Zeus decidiu por cortá-los cada um em dois, dividindo-os, prometendo que tornaria a dividi-los, caso não perdessem a presunção e se voltassem novamente contra os deuses.

2. ANÁLISE DO MITO DO ANDRÓGINO

Quando Aristófanes alerta para a finalidade de 'iniciação' desse mito, ele nos previne para que façamos uma leitura profunda, buscando o espírito e não a letra. Vamos então analisar cada passo do raciocínio simbólico desse mito. Num momento inicial havia três gêneros da mesma humanidade, embora cada homem tivesse forma inteiriça. Esse aspecto inteiriço só é possível compreendermos, enquanto uma totalidade. Identificamos logo aqui o aspecto de trindade para expressar a globalidade da unidade manifesta. Essa trindade refere-se a três possibilidades diferentes do mesmo Ser, tomadas como potencialidade. A própria descrição física desses seres fala de sua forma circular. Cremos ser desnecessário voltarmos a lembrar as ligações entre as imagens circulares e a noção de potência, totalidade e globalidade, que tanto foram estudadas por Jung, quando ele tratou da Mandala.

Os seres masculinos, dessa humanidade primordial, descendiam do Sol, os seres femininos descendiam da Terra e os andróginos, da Lua. Essa ascendência astrológica reafirma os conteúdos cosmogônicos desse mito de origem. Esses seres geravam e reproduziam não um no outro, mas na Terra. Quando foram partidos, resultaram na humanidade que se conhece, dividida em seres masculinos e femininos, seres complementares. Para Aristófanes a primitiva divisão masculino, feminino e andrógino, (2) parece ter restado, apenas, ao nível da direcionalidade da afetividade. A afetividade era, para ele, sinônimo de ânsia de reencontro entre as duas metades divididas. A busca pela complementariedade caracteriza, desta forma, um desejo de realização. Quando mulheres parecem

(1) É importante lembrarmos a semelhança com o mito da torre de Babel, no qual a unidade da espécie se exprime por um idioma primordial comum a todos. O castigo decorrente da pretensão humana de chegar aos céus se caracterizou por uma grande divisão da espécie, representada pela confusão dos idiomas.

(2) O andrógino representando a integração dos princípios feminino e masculino.

encontrar maior complementação com outras mulheres, isso indica, segundo Aristófanos, que descendem daqueles seres primitivos femininos, pois buscam complementação no igual. Com o mesmo raciocínio ele explica a atração entre homens. Os homens e mulheres, que descendem dos andróginos, realizam-se com o encontro da parte antagonista complementar. A heterossexualidade implica uma origem andrógina, o que é antagonicamente diferente do conceito de androgínia vulgarizado pelo consumo e confundido com homossexualidade. Entretanto, a experiência com a bissexualidade pode ser representativa de uma iniciação à maneira de ser global. Mircea Eliade explica, à página 142, de **Mefistofeles y el Androgino**, que “não se pode chegar a ser um varão sexualmente adulto sem antes haver conhecido a coexistência dos sexos, a androgínia; dito de outro modo: não se pode chegar a um modo de ser particular e bem determinado sem, antes, haver conhecido um modo de ser total”.

Chegamos, assim, a identificar o cerne da questão do Andrógino que se exprime exatamente como uma coincidência de opostos. Para melhor compreendermos isso devemos raciocinar da seguinte forma: se do Andrógino se originaram um homem e uma mulher, da reunião desses opostos ressurgiu o Andrógino.

3. A CONSCIÊNCIA DO ANDRÓGINO

O Andrógino não é o filho carnal gerado dessa união, mas sim o ente espiritual que nasce da fusão psíquica dos aspectos masculino e feminino. Na Alquimia esse conteúdo se exprimia pelas Bodas Reais, símbolo da **Conjunctio Oppositorum**. Essa conjunção representa o surgimento de uma nova consciência do homem a respeito de sua realidade enquanto Ser.

A consciência do Andrógino é, desta forma, a consciência da unidade da espécie, pois esta é que é o Ser. O homem e a mulher somam um e não dois, já que uma unidade só pode ser originária de uma unidade e nunca de uma metade. O aspecto feminino corresponde a uma metade do ser humano, o aspecto masculino à outra. Para Jung, o processo de individuação representava esta conjunção, realizadora do ser humano enquanto um todo. O fruto alquímico desse processo de integração era chamado “Lápis”, que se identificava com o conceito do Ser manifesto na matéria – o Cristo, enquanto símbolo da Aliança dos homens com Deus (globalidade e unidade). A função psíquica desse Cristo correspondia ao Atman, que Jung chamou de Self. “Segundo ele, o símbolo do Self na civilização ocidental era o Cristo, e a realização do Self, a

redenção''. (3) O cardeal Nicolau de Cusa foi taxativo ao dizer que a maneira menos imperfeita de se compreender a divindade era enquanto uma **Coincidentia Oppositorum**.

Podemos dizer, assim, que a consciência do Andrógino é a resultante de duas consciências antagônicas e complementares. Mas a dualidade macho-fêmea, cuja resultante é o andrógino, se estende a níveis mais profundos do universo conhecido, impulsionada pelo próprio caráter cosmogônico do mito. Mircea Eliade através dessa perspectiva de encontro de opostos escreveu o belíssimo ensaio intitulado "Mefistófeles e o Andrógino ou o Mistério da Totalidade", onde revela os paralelos Deus-diabo e homem-mulher. A resultante da relação de antagonismo entre Deus e o diabo é uma divindade ainda mais transcendente que unifica os aspectos opostos dessas duas entidades antagônicas. Deus é assim três pessoas: a primeira engloba os aspectos positivo e negativo; a segunda representa o aspecto positivo; enquanto que a terceira representa a sombra do aspecto positivo, ou seja, o aspecto negativo da divindade. Na Pérsia antiga, o universo limitado pelo tempo era um campo de luta entre Ormuz e Arimã, respectivamente deuses do bem e do mal. Contudo, se reconhecia, também, uma divindade do tempo ilimitado que havia criado esses dois deuses e que se chamava Zervan. Na Índia, Siva possui um aspecto destruidor e outro construtor, opondo-se a Vishnu, responsável pela manutenção e conservação. Acima deles, está Brahma, vértice superior da trindade. Também Abraxas possui o seu caráter de globalidade e totalidade por representar uma convivência de antagonismo.

Não esqueçamos nunca que o simbolismo religioso é multivalente, servindo, pois, para designar um grande número de significados. Desta forma, quando a mente mística formula sua concepção da divindade, enquanto uma relação de antagonismo, ela está formulando uma fantasia, que representa a intuição do conhecimento do cosmo; essa fantasia longe de ser falsa é uma percepção global do real.

4. SER E CONHECER

Quando o homem se põe a pensar, estabelece, em decorrência disso, um sujeito e um objeto. (4) O objeto do pensamento é o universo e o mistério de suas origens. Mas o que é o universo? Por universo se compreende

(3) Mircea Eliade, *La Nostalgie des Origines*, pág. 56.

(4) Embora fosse mais preciso dizermos que estabelece um sujeito ativo e um sujeito passivo.

uma expansão infinita no espaço e uma duração interminável no tempo. E o que é o homem ? O homem é um ser vivo e criativo, limitado no espaço e de efêmera duração no tempo. Sendo parte do universo, o homem, quando pensa no todo envolvente, representa uma reflexão da parte sobre o todo. Revela-se, então, uma relação de antagonismo parte-todo. Essa relação de antagonismo aparece, justamente, por ser o processo perceptivo, também, criativo.

A parte que busca conhecer é essencialmente igual ao todo que ela quer conhecer. Para as tradições antigas essa verdade era aceita como revelação. Desde Hermes Trismegisto, o pensamento religioso concebe o homem como microcosmo e Deus, como macrocosmo. Paracelso, “Fiel à concepção do homem como microcosmo, pôs o firmamento no corpo do homem e o designou como Astrum ou Sydus. Foi para ele um céu endossomático cujo curso estelar não coincide com o céu astronômico, mas com a constelação individual que começa com o ascendente no horóscopo”. (5) Essa complementariedade entre o micro e o macrocosmo está presente nas tradições e encontramos uma referência a ela no trabalho de George Gusdorf: “Mito e Metafísica”, onde é estudada sob o nome de pensamento astrobiológico. Mas passemos ao pensamento dito científico.

No início do século, em 1900, Planck formulou os princípios de sua física quântica, que possibilitou a Einstein desenvolver a sua teoria da Relatividade, cuja conclusão mais importante é, justamente, aquela que diz $E = m.c.^2$. Instaura-se uma concepção revolucionária na ciência, pois a energia passou a representar um elemento homogeneizador dos objetos de conhecimento. Quando a matéria se reduziu (ou se expandiu) à condição de energia, tudo se resumiu num conceito ontológico primário — a energia. As conclusões de Stéphane Lupasco, a partir dos postulados da ciência, nos levam a reconhecer a consciência, também, como evento energético. A ontologia transforma-se, assim, num estudo da própria energia, pois todo conhecimento possui, agora, um mesmo sujeito idêntico ao objeto. Se a parte, o todo e a própria consciência sincretizam-se na noção de energia, podemos dizer que todo conhecimento se refere ao processo da energia reconhecer a si mesma em suas diversas modalidades de ser.

O processo cognitivo passa a integrar, em si, o conhecedor e o objeto de conhecimento, restando como realidade primeira e última.

(5) Jung, *Paracelsica*, pág. 16.

E eis por onde chegamos: processo cognitivo é sinônimo de princípio de conhecimento, pois nenhum processo pode existir sem um início. Paul Tillich nos recorda em sua “Teologia da Cultura” que, para a teologia, Deus não é objeto de conhecimento, mas, antes, representa o princípio de conhecimento, aquilo que está igualmente no homem, bem como em todas as coisas, possibilitando uma identificação entre sujeito e objeto de conhecimento, possibilitando a inteligência.

Para a Vedanta a realização maior do homem consistia na experiência mística chamada Samadi. O Samadi representa um nível de realidade ao qual o ser se transforma em conhecer, afirmando a identidade lembrada por Parmênides, entre o ser e o pensar. Aliás, modernamente MacLuhan revela esse pensamento ao proferir a sua máxima: “o meio é a mensagem”. A mensagem é o conteúdo conhecido, enquanto que o meio representa o ser.

Quando Lupasco identifica a consciência como sendo um evento energético ele nivela a uma mesma realidade essencial o ser e o conhecer. Mas vejamos como pensou esse filósofo da ciência.

5. O PENSAMENTO DE STÉPHANE LUPASCO

Dois princípios científicos são tomados por Lupasco como base de seu raciocínio. São eles o segundo princípio da termodinâmica, também chamado princípio de Clausius, e o princípio de exclusão de Pauli. O segundo princípio da termodinâmica é aquele que formula matematicamente a tendência da matéria se homogeneizar numa modalidade energética — calor, que podemos imaginar como fonte de luz; a essa tendência característica do universo físico chama-se entropia positiva. O princípio de exclusão de Pauli “quanto a nós, lhe conferimos uma significação considerável. Ele é tão estranho e inexplicável, do ponto de vista do nosso entendimento moldado pela lógica aristotélica, quanto ele é eficaz; embora explique ele não se explica. O próprio Pauli, seu criador e um dos físicos mais importantes da física quântica, declara que não lhe vê nenhuma justificação lógica”. (6) Este princípio refere-se à propriedade que possuem certas partículas, notadamente os elétrons, de se excluírem, respectivamente num átomo ou num gás, do mesmo estado quântico. É esta propriedade das partículas chamadas **férmions** que possibilita o fenômeno químico da valência, responsável pela combinação dos elementos. Ao lado das partículas do

(6) Lupasco, *Les Trois Matières* pág. 72.

tipo **férmion** a física quântica conhece as partículas do tipo **bóson**. Os **bósons** não se excluem e podem, em número indefinido delas, conviver num mesmo estado quântico.

A propagação corpuscular da energia luminosa se deve aos chamados fótons que são partículas do tipo **bóson**. Sua peculiaridade é de tangenciar a manifestação ondulatória. Como se sabe, a luz se propaga simultaneamente de forma contraditória; é, ao mesmo tempo, corpuscular e ondulatória.

Fundado em pesquisas microfísicas, Lupasco conclui: “A matéria se apresenta atualmente sob três aspectos, comportando cada um propriedades específicas, que os distingue e caracteriza: a matéria microfísica que tomba sob os sentidos e se submete aproximativamente e estatisticamente às leis da física clássica e às exigências da lógica usual e que se chama, ainda, matéria bruta ou inanimada; a matéria macroscópica ainda, mas que compõe os seres vivos, matéria dita vivente, cuja ciência reside ao estado empírico, porque ela ainda não está de posse das leis as quais obedecem seus comportamentos, bem como de sua lógica própria; enfim, a matéria microfísica, cujas manifestações estranhas fazem o objeto da física dos quanta e que não se poderia classificar, nem na matéria animada, nem na matéria inanimada, se bem que delas se aproxime pelos dois lados.” (7) Nessa matéria microfísica Lupasco encontrará a sua matéria psíquica, aquela que se mostra como sendo originária de uma relação equilibrada entre as tendências entrópicas antagonicas. Para ele, o universo físico existe em função de uma entropia positiva, enquanto o universo orgânico existe em função de uma negentropia. O universo psíquico origina-se em função da neutralização dessas entropias opostas. Os três universos considerados são todos necessários entre si: a existência de um implica a existência dos dois outros.

Podemos sintetizar o pensamento de Lupasco dizendo que ele compreende a formação de três tipos de sistemas energéticos possíveis: no primeiro há predominância de uma tendência entrópica positiva, homogeneizadora; o segundo se submete à tendência entrópica negativa, instaurando uma heterogeneidade; ao passo que o terceiro não se sujeita a nenhuma entropia e existe em função de uma neutralidade entrópica.

Identificamos, nessa matéria psíquica, uma peculiaridade: ela representa uma convivência equilibrada de antagonismo, sem dúvida, uma Coincidência de Opostos. Essa sua qualidade revela o psiquismo como uma

(7) Lupasco, *ob. cit.*, pág. 65.

dimensão hierofânica, pois que a **Coincidentia Oppositorum** revela o divino. O que reafirmará nossa opinião é, exatamente, o fato de que essa maneira de ser (equilibrada) da energia é, necessariamente, anterior às modalidades desequilibradas. Essa anterioridade não é cronológica, mas simultânea; pois o tempo e o espaço existem como função dos universos desequilibrados. A eternidade é o tempo do universo psíquico. Creio que não é sem oportunidade lembrarmos, aqui, o princípio da mentalidade, postulado por Hermes Trismegisto: “o todo é mental, o universo é mental”.

Embora a noção de antagonismo implique uma dualidade, estamos longe de um dualismo simplista, pois compreendemos a sincronicidade dos eventos energéticos microfísicos. Lupasco propõe uma ortodialética que toma as noções hegelianas de tese, antítese e síntese como uma manifestação simultânea. A dialética não pode fugir, em sua busca pela Verdade, de uma estrutura ternária, que também está nas raízes da trindade metafísica.

Nas palavras de Lupasco: “Um terceiro universo é possível ser do tipo ao mesmo tempo microfísico e psíquico, em contradição crescente e acumulação energética”. (8)

6. COMPARAÇÃO COM OUTROS PENSAMENTOS

Talvez ainda não esteja claro o paralelismo entre as conclusões de Lupasco e o mito do Andrógino. Para tornar mais nítida a estrutura do perfil epistemológico que estamos traçando dos mitos de origem, vamos proceder a uma análise comparativa.

Na China, ou melhor, na tradição extremo-oriental, encontramos o símbolo do **Tao**, que representa um equilíbrio simétrico entre as tendências opostas **Yin** e **Yang**. É fácil compreendermos a sinonímia entre **Yang**, de polaridade positiva, solar, associado ao fogo, com a entropia positiva da física, emanada do segundo princípio da termodinâmica, de característica homogeneizante. Por sua vez **Yin** pode encontrar sinônimo na negentropia, tendência heterogeneizante e geradora, uma vez que representa para a tradição chinesa uma polaridade negativa, passiva, feminina e terrestre. **Yang**, masculino, representa a possibilidade de fecundação, enquanto **Yin**, feminino, representa a possibilidade de geração. O **Tao** representa a unidade do fecundante com o gerador, ou seja, a relação de antagonismo entre esses aspectos contrários e complementares. Nestes

(8) Lupasco, *ob. cit.*, pág. 197.

termos, podemos concluir que o **Tao** possui um sentido capaz de englobar o significado do Andrógino, símbolo de totalidade.

Dinamizado como modo de percepção, o Andrógino aparece como objetivo da realização Zenbudista, na experiência do Satori. Isto porque a disciplina psicológica do Zazen visa à eliminação da percepção errada sujeito-objeto, alcançando a plenitude de uma percepção pela neutralização do antagonismo eu e não-eu. Os homens e mulheres que olham, um para o outro, dizendo-se-lhes 'não-eu', não descendem do Andrógino. Os homens e mulheres que se dizem 'eu', um para o outro, reconhecem, no oposto, a sua complementariedade: estes descendem do Andrógino.

É o Amor que conduz a essa individuação, à **Conjunctio Oppositorum**. Quando consideramos o Andrógino representante de uma modalidade de consciência é porque a sua realização só é possível ao se pôr fim à percepção dualista, dividida (portanto esquizóide) da realidade. A eliminação da cisão 'eu' e 'não-eu' leva à eliminação das diferenças entre sujeito e objeto, brotando, como realidade última e primeira, o próprio processo perceptivo, o Princípio de Conhecimento, a Consciência da consciência, capaz de transformar o Ser em Conhecer, pela aceitação e constatação da afetividade como qualidade fundamental da energia e, portanto, como essência cósmica. O mesmo disse Aristófanes, quando afirmou que o Amor era o mais velho dos deuses.

Ao reconhecer este valor emocional, Lupasco o descreve como "um dado que não se pode considerar nem homogêneo nem heterogêneo, nem dinâmico nem estático etc., que não se pode ligar ao que quer que seja e que, entretanto, nos envolve, nos penetra e nos banha inteiramente; este dado é a Afetividade".

Na Yoga aparecem também duas tendências antagônicas quase sinônimas de **Yang** e **Yin**, são elas **Ha** e **Tha**. **Ha** correspondendo ao sol e **Tha** correspondendo à lua. Ainda dentro da tradição Vedanta, temos as correntes energéticas **Ida** e **Pingala**, que devem ser unidas para que, de sua fusão, desperte a serpente **Kundalini**. É comum, em gravuras alquímicas, encontrarmos duas serpentes entrelaçadas simbolizando a conjunção das polaridades cosmogônicas. No Egito, estas duas serpentes chamavam-se **Buto** e **Apopi**, contudo o Faraó ostentava, na testa, uma terceira serpente chamada **Uraeus**, que simbolizava a realização superior do ser, e era sinônima da Kundalini indiana.

A serpente tem sido símbolo de totalidade, talvez pela simples razão de serem inteiriças. A sua conformação anatômica não tem divisões, ela é

uma coisa só. Também o ovo é símbolo de totalidade devido à sua forma homogênea e ao fato de conter um organismo vivo. Lembremos que Aristófanes descrevia a humanidade primordial como tendo uma forma inteiriça. Com efeito, a divisão a que nos condenou Zeus deu origem aos conceitos divididos do próprio corpo. Assim dizemos minha mão, meu pé etc., como se mão e pé não fossem o próprio corpo. A desidentificação do homem com as partes do seu corpo reflete apenas a sua desidentificação, enquanto parte, como o todo universal. Kundalini, Uraeus, Oroboros, são símbolos do Andrógino, com o qual se sincretizam pelas suas qualidades de Totalidade; são sínteses de relações de antagonismo.

7. DUAS CONSTATAÇÕES EXPERIMENTAIS DA FÍSICA

Primeira — Experiências de laboratório constataram o seguinte: quando fazemos um elétron positivo, também chamado pósitron, chocar-se com um elétron negativo, causamos sua transformação em fótons, isto é, transformam-se em luz. Podemos considerar essa experiência como a demonstração experimental daquilo que Nicolau de Cusa chamou de **Coincidentia Oppositorum**. A luz não era considerada, pela tradição, um símbolo da divindade, mas a sua própria manifestação. Luz e Deus são a mesma coisa. Como diz Richard Wilhelm, em "O Segredo da Flor de Ouro": "A Luz é a Vida dos Homens" (pág. 84). Jung, na mesma obra, diz à página 38: "A Luz é equivalente simbólico da consciência, e a natureza da consciência é expressa por analogia com a luz". Apesar de feito, em laboratório profano, este Andrógino, nem, por isso, deixou de ser Luminoso. Pela citação de Jung podemos corroborar o paralelo que fizemos entre o Andrógino e um tipo de consciência não-fragmentada. Essa consciência inteiriça é luminosa.

Tal experiência de laboratório deve ser tanto espantadora quanto o fato de o homem primitivo produzir fogo pelo choque de duas pedras ou pelo atrito de madeiras, ou do moderno riscar um fósforo para acender cigarro. Para a obtenção do fogo (Luz) sempre há necessidade de um forte choque de antagonismo uma **Coincidentia Oppositorum**. É nisto que consiste o mistério da manifestação. O hábito nos fez ver esses fenômenos como tolos e corriqueiros, mas é preciso ver "pela primeira vez" para sentir a emoção do indecifrável.

Segunda — Quando, num mesmo ponto, colocamos dois focos de luz (A e B) com direções antagônicas, constatamos que os fótons

luminosos se afastam do ponto A, com a velocidade de 300.000km/seg; por sua vez, os fótons que partem do foco B possuem a mesma velocidade dos que partem do foco A. Entretanto a velocidade entre ambos, ao contrário de ser 600.000km/seg, como seria de se esperar pela mecânica clássica, mantém-se a 300.000km/seg. Trata-se de um enorme paradoxo, aceito e demonstrado pela física. Com efeito, a velocidade da luz é o limite máximo da manifestação, limite das condições de existência no tempo.

O que impede aos homens da ciência de reconhecerem, em certas experiências, o aspecto hierofânico é que eles não projetam afetividade sobre o conhecimento. Os pesquisadores alquimistas, ao contrário, procuram participar emotivamente do conhecimento. Essa distinção nos levaria longe dos nossos propósitos nesta leitura, embora seja importante constatar a complementariedade entre a inteligência e a emoção. “A inteligência consiste precisamente na possibilidade de apreendermos os aspectos contraditórios de um evento, de uma situação...” (9) Sem dúvida, Lupasco se refere ao mecanismo psíquico da abstração. Entretanto o homem possui a faculdade de eliminar contradições, ou seja, de apresentar globalmente, que é exatamente o sentir. Nenhum progresso substancial se fará na pesquisa da Verdade se não conjugarmos a abstração com a emoção.

8. CONCLUSÃO

A tradição considerava Revelação certos conhecimentos que explicavam outros conhecimentos, mas que não se explicavam. Assim como o princípio de exclusão de Pauli... A Revelação foi cristalizada em dogmas, adquirindo um aspecto meramente formalista, um conhecimento sem verdade emocional. Os significados se foram perdendo e caindo em esquecimento. Nos nossos tempos modernos, restaram apenas as carcaças dos dogmas e certas evidências constatadas pela experimentação de laboratório; mas, infelizmente, de uma forma ou de outra, o homem está esquecido do valor emocional do seu conhecimento. O não-comprometimento emocional do pensamento científico moderno representa uma cisão do conhecimento. Talvez aquela cisão a que Zeus nos condenou por causa de nossa presunção, talvez mera decorrência da presunção.

Diante da impossibilidade de desvendar o enigma do universo, o homem optou pelo caminho do fazer, porque era, assim, mais fácil conhecer o

(9) Lupasco, *ob. cit.*, pág. 102.

que fazia do que perguntar sobre o que o fez, sobre suas origens. Passou então o homem a identificar-se com sua própria obra, esquecendo-se de que ele, homem, era uma obra dentro de um todo gigantesco. A verdadeira realização do homem decorre de sua identificação com aquilo que lhe dá origem. Essa origem aparece, como vimos, constantemente estruturada em uma tríade, ou seja, uma relação de antagonismo que, quando equilibrada, se refere ao Potencial, e, quando desequilibrada, se refere aos aspectos atualizados. O real pode apresentar-se, assim, de modo potencial e de modo atualizado. A Potência engloba todas as possibilidades e impossibilidades de atualização, o que torna as fantasias e as experiências igualmente reais. A humanidade descende de três gêneros inteiriços, mas a sua volta a um estado de totalidade só é possível através da realização do Andrógino. Mas o que é realizar o Andrógino? Realizar o Andrógino é assumir a unidade, isto é, reconhecer que as realidades do mundo material são duais, mas que a essência unifica os contrários. Realizar o Andrógino é realizar a individuação da personalidade, é conhecer e ser. O Andrógino é o arquétipo fundamental da espécie humana, uma estrutura intrínseca à própria energia original, essência e consciência do Ser. Realizando-o, reconhecemos a afetividade, o Amor, como mola mestra do Universo.

“Pouco me importa por onde eu comece, pois para lá sempre voltarei novamente”. (10)

BIBLIOGRAFIA

- ELIADE, Mircea. **Mefistofeles y el Androgino**. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1 969.
- IDEM. **La Nostalgie des Origines**. Paris, Edition Gallimard, 1 968.
- GUSDORF, Georges. **Mythe et Métaphysique**. Paris, Edition Flammarion, 1 963.
- JUNG, Carl & Wilhelm, Richard. **El Secreto de la Flor de Oro**. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1 972.
- JUNG, Carl. **Paracelsica**.
- LUPASCO, Stéphane. **Les Trois Matières**. Paris, Edition Julliard, 1 960.
- KOYRÉ, Alexandre. **Du monde clos à l'univers infini**. Paris, Edition Gallimard, 1 973.
- NICOLAU de Cusa. **De Docta Ignorantia**.
- PARMÊNIDES de Eléia. In **Os Filósofos Pré-socráticos**. São Paulo, Editora Cultrix.
- PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo, Editora Abril, col. Os Pensadores.
- TILLICH, Paul. **Théologie de la Culture**. Paris.

(10) Parménides de Eléia, **Os filósofos pré-socráticos**, pág. 54, Editora Cultrix.